Solange Mittmann
Organizadora

Escritas, Escrituras e Excrituras

Análise do Discurso e Estudos de Gênero



Pedro & João editores

Solange Mittmann
(Organizadora)

Escritas, escrituras e excrituras
Análise do Discurso e Estudos de Gênero

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Solange Mittmann [Org.]

Escritas, escrituras e excrituras: Análise do Discurso e Estudos de Gênero.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 243p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-3089-4 [Digital]

1. Análise do Discurso. 2. Formação discursiva. 3. Questões de gênero. 4. Práticas feministas. 5. Autoria feminina. I. Título.

CDD – 410

Capa: Solange Mittmann com finalização técnica de Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

Enunciados feministas de refutação: uma proposta de reflexão-bordação-análise

Solange Mittmann

A singularidade do bordado feminista[1]

O bordado feminista tem funcionado como modo particular de exercer a militância e fazer política. Isso porque tem a potencialidade de provocar rememorações, afetividades e sensibilidades, ao mesmo tempo em que apresenta discursos de enfrentamento a opressões como as de Estado, do capital e do patriarcado. Através de enunciados bordados, a militância denuncia violências, principalmente as de gênero, e convoca à mobilização para as lutas coletivas.

Seu funcionamento, desfaz limites entre os ambientes privado e público. Ao mesmo tempo, entrelaça a individualidade de cada subjetividade e de cada corpo à coletividade, seja em pequenos grupos de trocas de saberes, seja em grandes mobilizações sociais.

Segundo Parker (2010), nos séculos XVII e XVIII, nas sociedades europeias, o bordado era fortemente incentivado às meninas e mulheres como instrumento para inculcar a submissão e a passividade feminina; já nos séculos XIX e XX, o bordado era usado também como instrumento de luta e resistência, por exemplo, pelas sufragistas e pela segunda onda feminista.

A bordação feminista é uma prática discursiva que envolve os gestos de recriar, confeccionar, expor e compartilhar. Nela, a técnica, a arte e a política se articulam, e a memória se atualiza.

[1] Uma primeira versão, bastante reduzida, foi a presentada no 5º. SEDiAr – Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação, em São Paulo/SP em 2023, sob o título "Resistência feminista através de enunciados bordados".

Pode ser considerado como uma narrativa-convocação em primeira pessoa, o que é um dos aspectos defendidos pelos feminismos: que nós mulheres possamos contar nossa própria história aos nossos modos e que nos articulemos em práticas coletivas de luta e resistência. Uma narrativa-convocação que não delimita o singular (eu) do plural (nós).

No trabalho de observação dos materiais e dos enunciados verbais e imagéticos que compõem as peças bordadas, cabe levantar questões sobre a historicidade, sobre como se enlaçam saberes antigos e novos, sobre as condições de produção, sobre o jogo entre a repetibilidade dos discursos e a sua atualização em novos enunciados.

Uma materialidade de base, que envolve tecido e linhas, além do próprio gesto de bordar, é suporte e concretização dos enunciados verbais e imagéticos que denunciam as violências e que conclamam às lutas feministas. A materialidade de base e suporte e os enunciados podem ser analisados (ou seja, recortados, descritos, rearticulados, interpretados e reinterpretados), em sua constituição, a partir da materialidade histórica dos processos discursivos.

Breve inventário de enunciados verbais e não verbais

Em uma rápida busca na internet por imagens de bordados identificados como feministas, encontrei enunciados verbais com diferentes funcionamentos, como:

- celebrações do feminino: "Viva la vulva!", "Girl power", “Dias mulheres virão”;
- simultaneidade entre celebrar o feminino e convocar à coletividade: "Siempre con las pibas”, "Sororidade", "Lute como uma garota", “Fight like a girl! "Juntas somos mais fortes", “Juntas somos resistência”, “Nunca más solas”, “Por todas nós”;

- injunção lançada ao outro: "Respeita as mina", “Parem de nos matar”;
- refutação ao discurso patriarcal: "Esta princesa salva a si mesma", "Meu corpo minhas regras", “Nem presa nem morta” "Lugar de mulher é onde ela quiser"; “A revolução será feminista ou não será”, “Nunca foi sem luta”.

Enunciados imagéticos podem trazer desenhos figurativos que são já simbolizados socialmente. Para citar alguns exemplos:

- valorização da diversidade: corpos gordos ou magros, cis ou trans;
- enaltecimento do aparelho feminino: vulva, útero, trompas e ovários, por vezes sobrepostos ou redelineados com flores;
- celebração LGBTQIAPN+: borboleta, arco-íris, encontro de corpos, enlace de mãos;
- simbolização das lutas feministas: punho feminista, composto por um punho cerrado erguido (já significado no movimento operário e no movimento negro) no centro do espelho de Vênus;
- metaforização através da flora: flores simbolizando o feminino, cacto como símbolo de força e resistência.

Como veremos adiante, o discurso feminista atualizado em novos enunciados verbais ou imagéticos em cada bordado contrapõe-se a discursos efetivamente ditos ou discursos não ditos mas que poderiam ser no âmbito da formação social patriarcal capitalista.

Tanto os enunciados verbais como os não-verbais têm sua interpretação pré-determinada por significações já presentes em uma série de discursos da formação discursiva feminista, discursos que funcionam como pré-construídos a partir da memória discursiva. Como explica Pêcheux (1999[1983], p. 52),

> memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Discursos da formação discursiva feminista, através de processos de repetibilidade, pré-determinam efeitos de sentido, produzindo um efeito de desambiguização (ainda que não garantido) das palavras e das figuras.

Além disso, é importante considerar um outro fator de produção de efeitos de sentido: o bordado artesanal de militância desencadeia uma leitura particular por lembrar a quem se depara com o produto que está diante do resultado de uma prática — em que houve a criação e a execução e, portanto, um processo de produção que envolveu investimento subjetivo, com conhecimento aplicado, e força e tempo dispendidos.

Figura 1: Bordar é re/in-sistir



Acervo da autora

Vale lembrar que tomar o bordado de militância como objeto de estudo significa estar "diante de um entrecruzamento de materialidades: histórica, linguística, de panos e cores, mas principalmente corporal, performática". (Mittmann; Rosa, 2021, p. 128).

A simultaneidade da reflexão-bordação-análise

Em sua pesquisa sobre o artesanato produzido por mulheres, Carvalho (2024, p. 22) cunha o termo "sentipensar-fazer" para nomear a consideração do sentir, do pensar e do fazer das artesãs. Segundo a autora, o "sentipensar-fazer":

> Contesta os princípios abstratos implicados na racionalidade moderna ocidental e na produção do conhecimento, valorizando os saberes do cotidiano, pouco reconhecidos, e ainda marginais que envolvem o sujeito feminino. Reconhece no fazer um processo dialético de produção da existência humana, mediado pelo manuseio e pela elaboração da realidade desde a produção de artefatos, integrando corpo e mente no fazer.

É possível trazer essa prática da simultaneidade do sentipensar-fazer para a discussão acadêmica sobre a bordação de enunciados feministas e sobre as peças bordadas por uma perspectiva discursiva materialista feminista, como uma forma de entrecruzamento de análise da prática e sua execução. Trata-se, neste estudo, de uma reflexão sobre a prática da bordação simultaneamente à produção de uma peça bordada. A analista-bordadeira traça e confecciona a peça bordada enquanto reflete sobre o processo, sem cair em uma "problemática subjetivista centrada no indivíduo — fonte de gestos e palavras, ponto de vista sobre os objetos e sobre o mundo" (Pêcheux, 2011b[1971], p. 127), pois a interpretação se dá sobre as materialidades e os processos de produção da peça e produção do capítulo.

Ou seja, trata-se de uma proposta de trabalho que envolve a simultaneidade e o entrecruzamento na reflexão-bordação-análise, que são partes de um mesmo processo, em que se configura a analista-bordadeira pois, como afirma Pêcheux (1995 [1975], p. 157), "o sujeito resulta de um processo".

Duas peças de bordado

A partir do breve inventário de enunciados feministas — verbais ou imagéticos — apresentados anteriormente, teve início um processo de planejamento e execução de duas peças bordadas em tecidos de algodão em bastidores de madeira.

Figura 2: A revolução será feminista ou não será



Acervo da autora

Figura 3: Nunca foi sem luta



Acervo da autora

Enquanto isso, outros bastidores, os da bordação-reflexão, acumulavam vozes: da técnica, da memória da produção manual feminina, do quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso, das feministas que estavam sendo lidas etc.

As peças não foram produzidas de uma vez. A proposta, o projeto, a seleção do tecido, o riscado, os testes com espessuras e cores das linhas foram sendo (re)desenhados durante a bordação e durante a revisão sobre as lutas feministas e a metodologia de trabalho que articula análise e escrita da Análise do Discurso.[2]

Uma proposta de análise por ângulos entrecruzados

A análise de bordados pode envolver diferentes ângulos de observação, que procuro descrever a seguir. Antes disso, recorro à conhecida descrição de Orlandi (2001) sobre os três momentos que compõem a produção do discurso e que são consideradas nas análises de objetos por analistas do discurso:

> Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes:
> 1. sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
> 2. sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específica e
> 3. sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (Orlandi, 2001, p. 9)

Partindo dessa descrição de Orlandi, vou seguir uma outra ordem e substituir "momentos" por "ângulos", além de acrescentar os ângulos da confecção e da sensorialidade, a fim de observar os momentos e as materialidades significantes, tentando dar conta de

[2] Também é preciso considerar que houve uma passagem de tempo e de leituras entre a produção de uma versão inicial do texto apresentado em 2023 no SEDiAr – Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação e a versão atual três anos depois.

mais algumas possibilidades de análise que o objeto bordado e a bordação oferecem para imprimir o discurso feminista.

Os ângulos descritos a seguir podem ocorrer de modo sincrônico, sobreposto, entrecruzado, ou não, a depender dos objetos analisados, dos objetivos de análise e da perspectiva e posicionamento de quem analisa. Portanto, a ordem de apresentação se deve tão somente à viabilidade de uma descrição discriminada e ordenada, pois a proposta, neste estudo, não é de descrição de procedimentos em sequência, e sim, como disse anteriormente, de uma simultaneidade de reflexão-bordação-análise.

Ângulo da Confecção

Inicio descrevendo o *ângulo da confecção,* que envolve os gestos de selecionar (ao ser mobilizada por) o tecido de base, enunciados verbais ou não, linhas e cores, além de riscar e bordar. Nesse ângulo, entra a prática de reflexão-bordação-análise: penso sobre o bordado enquanto bordo, bordo enquanto analiso, tomo o discurso como prática que envolve língua, linguagem, símbolos e gestos, que é (re)interpretada a partir da memória dos discursos feministas.

A inscrição subjetiva se dá através da mobilização de e por sentidos já-lá, cores, palavras e símbolos já-significados, gestos da técnica do bordado livre, história da produção de bordado artesanal por mulheres e uso do bordado e do gesto da bordação como instrumentos de luta feminista.

Figura 4 – Bordado em processo



Acervo da autora

Ângulo da sensorialidade

Quando Marx (1968[1867]) trata do caráter fetichista da mercadoria, diz que uma coisa do mundo, pelo funcionamento fetichista (místico, fantasmagórico, enigmático) se transforma de sensível (sensorial, cotidiano, trivial) em mercadoria sensível-suprassensível, ou seja, algo perceptível e impalpável, cujo valor é estipulado não por ela mesma, nem por seu uso, mas pelas relações sociais que carrega e esconde.

É com base nesse funcionamento que trago e adapto a descrição de Marx para acionar uma luneta, que chamo aqui de *ângulo da sensorialidade*, por onde é possível vislumbrar, ainda que parcialmente, a interpretação-transformação do sensorial-sensível em sensível-suprassensível.

Por esse ângulo de análise, é possível considerar não só a concretude do objeto, mas também como sensorial e afetivamente ele toca tanto a bordadeira como quem se depara com a bordação ou com a peça bordada. Essa particularidade é um fator fundamental para a tomada do bordado e da bordação como instrumento e gesto de militância.

A base desses meus bordados são retalhos de lençóis de algodão, que já não cumprem sua função precedente de proteger o corpo. Sobre essa base, as linhas formam um relevo, constituindo uma materialidade tridimensional e tátil. A policromia também forma a peça: lilás, vermelho e preto são pré-significados como símbolos do feminismo e das revoluções.

O tecido, as linhas e as cores que formam a peça bordada — mas também a agulha e o movimento do corpo da bordadeira — são identificados sensorialmente como coisas do mundo e são (re)significados por relações sociais, tanto afetivas como políticas, culturais, econômicas e ideológicas. Com esse conjunto de elementos, produz-se a metonímia do corpo bordador, como um resto de força, tempo e conhecimento investidos no trabalho de bordar. Trata-se da excrição (termo de Nancy, 2013) do corpo da bordadeira na peça bordada: o corpo fica de fora da peça, e algo dele é excrito nela, o que só pode ocorrer por metonímia, um resto marcado na linha sobre o tecido.

Além disso, há uma relação imaginária sobre sensível-suprassensível entre sujeitos — quem produz, para quem produz, quem observa, toca, comenta. Falarei sobre isso quando abordar o ângulo da circulação.

Ângulo da formulação

No *ângulo* da *formulação,* reconheço as recomposições de enunciados já amplamente reproduzidos no campo dos discursos feministas, tanto em enunciados verbais como em imagéticos. Digo recomposições, porque, sobretudo no caso do bordado livre, em cada produção de um novo bordado, há o acionamento de

elementos verbais e não verbais em uma disposição única, marcada pela contingência e pelo espaço e tempo únicos da enunciação. Ou seja, o ponto de partida foi um processo de reprodução, mas também de reformulação de enunciados amplamente reconhecidos.

Como enunciados imagéticos, tracei dois símbolos de resistência: o punho feminista e um pequeno conjunto de cactos em flor. E como enunciados verbais, recuperei as formulações "A revolução será feminista ou não será" e "Nunca foi sem luta".

Quando um enunciado é textualizado, bordado, há uma atualização dos enunciados já-sabidos, presentes na memória discursiva. "Sendo a atualização da memória discursiva, a formulação se faz materialmente pela colocação do discurso em texto, pela textualização." (Orlandi, 2001a, p,11) Assim, compor cada novo bordado envolve retomar e fazer deslizar o retomado, pela recomposição. Essa recomposição se dá, por exemplo, através de uma nova disposição dos elementos ou inserção de detalhes. Aqui entra a historicidade das palavras e dos símbolos, o que leva ao ângulo da constituição.

Ângulo da constituição

No *ângulo da constituição*, remeto o bordado feminista à formação social patriarcal capitalista e às condições de produção, o que envolve a formação discursiva feminista e a memória discursiva.

A colocação do adjetivo “patriarcal” antes de “capitalista”, ao qualificar, neste texto, a formação social, se deve ao fato de os princípios patriarcais se constituírem em um dos pilares das formações sociais no capitalismo, no socialismo, no pré-capitalismo, no feudalismo, em sociedades tribais etc., mesmo antes do surgimento do termo. E cada estrutura econômica das formações sociais reconfigurou o funcionamento do patriarcado a fim de melhor garantir sua eficiência. “A emergência e desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista

assimilou, reconfigurou e produziu novas expressões da dominação-exploração patriarcal sobre as mulheres [...]". (Ávila; Ferreira, 2020, p. 115).

Essa eficiência é descrita por Saffioti (1976, p. 20):

> O aparecimento do capitalismo se dá, pois, em condições extremamente adversas à mulher. No processo de individuação inaugurado pelo modo de produção capitalista, a mulher contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, perifericamente situada no sistema de produção.

Os movimentos feministas têm permanentemente enfrentado as violências físicas e simbólicas exercidas sobre as mulheres na formação social patriarcal capitalista. Entre as muitas ferramentas de enfrentamento, estão a produção, reprodução, apropriação e transformação de enunciados, sua impressão em diferentes materialidades, suportes e meios para ampla circulação e acesso coletivo.

Como "o tensionamento fundado na contradição social, motriz da luta, é que comanda o bordado como gesto político de resistência" (Mittmann; Rosa, 2021, p. 124), o tensionamento com diferentes formações discursivas constitui condições de produção do bordado feminista, como mostrarei na análise dos enunciados "A revolução será feminista ou não será" e "Nunca foi sem luta".

Considerando que "o laço que liga as 'significações' de um texto a suas condições sócio-históricas não é, de forma alguma, secundário, mas constitutivo das próprias significações" (Pêcheux, 2011b[1971], p. 123-124) e que, portanto, as condições de produção não são um elemento anexo, secundário, e sim são constitutivas e

marcadas internamente no enunciado, é que mobilizo o dispositivo teórico e analítico da Análise do Discurso materialista, a fim de observar "o trabalho da heterogeneidade discursiva no jogo das contradições sócio-históricas". (Pêcheux, 2011a [1983], p. 229).

Os dois enunciados verbais em análise trazem a negação como modo de refutação de discursos presentes na memória discursiva. E ao refutar o que está na memória, os enunciados se apresentam como divididos (conforme Courtine, 2009[1981]), ou seja, trazem em si o discurso que refutam. Além disso, são apresentados como ruptura de uma série e possibilidade de organização de uma outra série em uma matriz parafrástica da formação discursiva feminista.

O enunciado "A revolução será feminista ou não será" traz o jogo entre a afirmação e a negação, ao mesmo tempo em que enlaça presente e futuro. Na primeira sequência ("A revolução será feminista"), a presença do artigo definido aciona o efeito de sentido de que já se sabe (efeito de pré-construído) qual revolução está sendo referida. Trata-se dos princípios de uma formação ideológica anticapitalista, que marca posição na luta de classes: marcam resistência à exploração da classe trabalhadora pelo capital. Com o verbo no tempo futuro, essa revolução é indicada como desejada, necessária, como futuro possível de conquistar. E é predicada como feminista: a revolução que se deve fazer é uma revolução feminista, e é essa revolução que será realizada.

Assim, a segunda sequência ("ou não será") indica que, na contramão do desejo, o que resta é a impossibilidade: uma revolução que não seja feminista não será uma revolução possível, ou sequer será uma revolução. Nessa segunda sequência, o verbo já não tem o mesmo funcionamento de efetuar a ligação entre revolução e o tipo de revolução que se deseja (será feminista), pois a negação que o antecede resulta na inexistência da revolução (não será, não existirá). O enunciado coloca os princípios feministas e as bandeiras dos feminismos como condição para a existência e a legitimidade da revolução.

Esse enunciado recupera, pela memória discursiva, e refuta (com afirmação e a negação) discursos de que as lutas feministas

devem ficar em segundo plano quando o tema é a revolução anticapitalista. São discursos parafrásticos de uma formação discursiva anti-identitária, que apontam as pautas identitárias como divisionistas, egoístas e enfraquecedoras da luta (supostamente geral e única) contra a dominação do capital.

Com o enunciado "A revolução será feminista ou não será", os movimentos feministas reivindicam o lugar de protagonismo nas insurgências anticapitalistas. Afinal, o ativismo das mulheres tem provocado mudanças significativas na formação social patriarcal capitalista, sejam mudanças institucionais ou da vida cotidiana. Por isso as pautas que carregam são pautas para todas, todos e todes da classe trabalhadora.

Tabela 1: Séries de enunciados possíveis

Formação ideológica anticapitalista	
Formação discursiva anti-identitária	**Formação discursiva feminista**
Reprodutora de princípios patriarcais	**Posição sujeito de protagonismo na revolução**
As pautas feministas priorizam as mulheres, colocando a classe trabalhadora em segundo plano. As pautas feministas, como as outras pautas identitárias, dividem os oprimidos, e essa divisão enfraquece a luta contra os opressores. A condição da mulher é determinada pela estrutura econômica, que deve ser transformada pela revolução unificada.	A luta feminista deve pautar a revolução, porque suas conquistas afetam as comunidades e sociedades. **A revolução será feminista ou não será.** As pautas feministas são urgentes e não podem esperar a vitória da revolução da classe trabalhadora. **Cactos em flor** Punho feminista

As mulheres devem, primeiro, participar da luta comum da classe trabalhadora e, só depois das conquistas comuns, podem apresentar pautas feministas.	

Produção da autora
Em destaque os enunciados bordados-analisados

Ainda no ângulo da constituição, cabe lançar um olhar para os cactos em flor. Como desenho figurativo de uma planta conhecida como resistente ao calor excessivo e à escassez de água, o cacto é tornado símbolo de resistência nas mais diversas circunstâncias e pautas, a partir de diferentes formações discursivas. Apresentados em flor, formando um conjunto e postos em articulação com o enunciado verbal "A revolução será feminista ou não será" (além de outros da mesma matriz parafrástica), os cactos da peça bordada podem ser ressignificados como símbolo de uma persistente luta coletiva feminista.

Se o enunciado "A revolução será feminista ou não será" o verbo "ser" sinaliza um movimento do presente para o futuro, o enunciado "Nunca foi sem luta" traz o mesmo verbo agora no pretérito, sinalizando o movimento do presente para o passado: o que se tem hoje em termos de políticas públicas e direitos só passou a existir porque houve luta, portanto são conquistas resultantes de lutas, e não benesses ou fatos naturais.

O enunciado "Nunca foi sem luta" é formulado com uma indeterminação: não está dito de que luta se trata, de quem, pelo que, por quem. Assim, o mesmo enunciado, ao ser reproduzido em diferentes formações discursivas, pode acionar diferentes efeitos de sentido. Isso porque são as paráfrases discursivas de cada formação discursiva que determinarão os preenchimentos possíveis para a lacuna do qualificador de "luta" (como mostrei em Mittmann, 2015). Tais preenchimentos, embora não sejam visíveis, parecerão evidentes e únicos em virtude da série parafrástica presente na

formação discursiva em que os sujeitos se inscrevam ao dizer ou ler o enunciado verbal.

Na peça bordada, o enunciado não verbal punho feminista e a cor lilás reportam a símbolos feministas ao ocuparem lugar na série de símbolos reproduzidos na formação discursiva feminista. E assim exercem, no texto peça bordada, a função sintático-textual de determinadores do significante "luta" como "luta feminista". A deriva dos efeitos de sentido promovida pela lacuna do qualificador é contida por essa determinação do símbolo pela formação discursiva feminista. Importa destacar que não se trata de uma complementação do imagético pelo verbal ou vice-versa, e sim de uma redução de possibilidades de interpretações do que não está dito, mas ressoa.

Dessa forma, uma possibilidade de interpretação a partir da formação discursiva feminista é que certas políticas públicas e os direitos das mulheres são resultado de conquistas somente alcançadas com as mobilizações das mulheres a partir da identificação com os saberes e princípios feministas.

Tal construção refuta o discurso de que a luta feminista não é necessária, o que é constantemente repetido no âmbito da formação discursiva antifeminista — que pode reafirmar saberes tanto da formação ideológica de defesa do capital como da formação ideológica anticapitalista (nesta última, através dos discursos da formação discursiva anti-identitária citada acima).

Tabela 2: Séries de enunciados possíveis

Formação ideológica de defesa do capital	**Formação ideológica anticapitalista**
Formação discursiva antifeminista	**Formação discursiva feminista**
	Posição sujeito de protagonismo nas conquistas das mulheres

O feminismo não é necessário. Eu não preciso do feminismo. Os homens, os governos e as instituições concederam direitos às mulheres. As mulheres têm muitos privilégios. O feminismo só atrapalha a vida das mulheres. Feministas são mulheres rancorosas.	O pouco que se tem hoje só foi alcançado por causa da luta feminista. **Nunca foi sem luta.** Cada direito que temos foi pago com a resistência de mulheres que vieram antes. Só alcançaremos mais conquistas através da luta feminista. Punho erguido Espelho de Vênus **Punho feminista**

Produção da autora
Em destaque, os enunciados bordados-analisados

Segundo Daróz (2021, p.6), referindo-se ao período compreendido entre final do século XIX e início do século XX:

> A despeito de toda a luta das mulheres, e em prol das mulheres, o feminismo era significado de forma individualizada, como uma opinião singular, uma desordem, uma histeria, em detrimento de um movimento coletivo, racional, no espaço político. E, assim, concomitante a essa rede discursiva acerca da (in)igualdade dos sexos, emerge também, em contraposição a essas lutas, um discurso antifeminista, a fim de estabilizar as práticas até então legitimadas, pautadas numa hierarquização entre os sexos.

Sabemos que apesar das novas conquistas dos movimentos feministas no século XXI, discursos antifeministas continuam a ser amplamente reproduzidos. Portanto, é preciso insistir na sua refutação. E, como disse em um dos bordados deste texto, bordar é resistir e insistir. A militância feminista também.

A negação como refutação, presente nos enunciados "A revolução será feminista ou não será" e "Nunca foi sem luta" pode ser analisada como marcadora de uma fronteira entre formações discursivas (ainda que as fronteiras sejam porosas, como defende Courtine (2009[1981]).

Considerando que é nas formações discursivas que são delimitados, determinados e discursivizados os princípios de uma formação ideológica, é possível afirmar que saberes de uma formação ideológica de defesa do capital são reproduzidos, entre outras, na formação discursiva antifeminista, e que os saberes de uma formação ideológica anticapitalista são reproduzidos, entre outras, na formação discursiva anti-identitária e na formação discursiva feminista. Por isso a formação discursiva feminista determina a produção de enunciados que insistem no protagonismo das mulheres e, para isso, o feminismo precisa refutar saberes tanto da formação ideológica de defesa do capitalismo como da formação ideológica anticapitalista, já que ambas podem hostilizar as mulheres e o feminismo.

Nas duas tabelas acima, os enunciados listados nas colunas à esquerda funcionam como pré-construídos para a produção, reprodução e a interpretação dos enunciados produzidos na formação discursiva feminista.

Ângulo da circulação

Por fim, cito o *ângulo da circulação*, pelo qual é possível refletir sobre a interlocução em uma rede intersubjetiva, incluída aí a sororidade. Importa destacar tanto o cuidado da bordadeira para o olhar e o toque de outros sujeitos, como o impacto provocado nesses sujeitos pela materialidade visual e tátil, e o disparo de memórias afetivas.

Durante a apresentação de uma versão preliminar deste texto como comunicação no SEDiAr – Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação, coloquei em circulação as duas peças bordadas, a fim de acionar as leituras dos sujeitos presentes na

sala. Como costuma acontecer, foram trazidos por esses sujeitos relatos sobre os bordados das mulheres das famílias, ou sobre seus próprios bordados. Também foram trazidas experiências com bordados de militância político-partidária e seus efeitos. Sempre há um impacto que envolve sensorialidade, rememoração, afetividade e sensibilidade, por mais que as circunstâncias de sua circulação se deem no âmbito dos discursos "duros", como os da disputa político-partidária — como já observei a partir de meus próprios panfletos (votos) bordados em eleições anteriores.

Com a circulação, os discursos de militância que são concretizados em enunciados bordados passam a significar, a fazer sentido em rede com outros discursos: aqueles em que se inscrevem os sujeitos que são sensorial e afetivamente "tocados" por tais bordados e pela percepção da metonímia do trabalho do corpo bordador.

Considerações provisórias

Se não há como escapar das imposições, opressões e violências da formação social patriarcal capitalista, há como resistir e produzir furos através da produção conjunta e circulação de discursos de militância.

Em reflexões anteriores (como em Mittmann; Rosa, 2021) e no início do estudo para este capítulo, levei em conta que o bordado de militância envolve o atravessamento entre saberes sobre a técnica do bordado, saberes sobre as condições das mulheres e saberes de militância contra formas de opressão. Esses atravessamentos provocam um jogo entre memória e atualidade.

Agora, num processo de reflexão-bordação-análise das peças bordadas com enunciados verbais e imagéticos de militância feminista, considerei o funcionamento sensorial e afetivo-emocional que a peça bordada provoca a partir do olhar, do toque e da rememoração de histórias de família e de vida de quem borda e de quem se depara com a peça bordada. Para isso, acionei os ângulos da confecção, da sensorialidade e da circulação.

Já pelo acionamento dos ângulos da constituição e da formulação, observei a repetição de discursos presentes na formação discursiva feminista e a sua atualização em enunciados de refutação a discursos e saberes de outras formações discursivas — a anti-identitária e a antifeminista.

Com isso descrevi conflitos tanto com a formação ideológica de defesa do capital — onde o conservadorismo e o patriarcado são tomados como instrumentos —, como com a formação ideológica anticapitalista — em que são produzidos, por diferentes formações discursivas, discursos progressistas em prol da revolução anticapitalista, contra a opressão sobre a classe trabalhadora.

Ao reproduzir e analisar os enunciados verbais “A revolução será feminista ou não será” e “Nunca foi sem luta”, e os enunciados imagéticos conjunto de cactos em flor e punho feminista, acionei séries de outros enunciados que são produzidos ou possibilitados por matrizes parafrásticas da formação discursiva feminista.

Quando bordados em uma mesma peça, os enunciados conjunto de cactos em flor e “A revolução será feminista ou não será" se situam no âmbito da formação ideológica anticapitalista. E podem ser postos ao lado de outros enunciados da formação discursiva feminista a partir de uma posição sujeito que reivindica o protagonismo do feminismo na revolução anticapitalista. Esses enunciados se contrapõem à série de enunciados da formação discursiva anti-identitária, em que se busca silenciar as vozes feministas em prol de uma luta "maior".

Já os enunciados punho feminista e "Nunca foi sem luta", também quando bordados em uma mesma peça, se situam na série de enunciados que reafirmam as lutas feministas como promotoras de conquistas sociais. Com isso, se contrapõem a enunciados produzidos em série na formação discursiva antifeminista, em que até a voz feminina é acionada para recusar o feminismo. Tem-se aí a descrição de um enfrentamento entre discursos produzidos em formações discursivas que reproduzem princípios e saberes de formações ideológicas opostas: a anticapitalista e a de defesa do capital.

A proposta de um trabalho com a simultaneidade da reflexão-bordação-análise e o acionamento de diferentes ângulos — aqui provisoriamente denominados como da confecção, da sensorialidade, da formulação, da constituição e da circulação — propicia tanto discutir a metodologia de trabalho de análise como observar a atualização do repetível na produção de novos discursos, o que pode sinalizar para outros trabalhos em simultaneidade de reflexão-confecção-análise.

Referências

ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica. Feminismo e Marxismo: uma relação dialética In: MARTUSCELLI, D. E. (org.) **Os desafios do feminismo marxista na atualidade.** Chapecó, Coleção marxismo21, 2020. p. 111-127.

CARVALHO, Íris de. **Trabalho artesanal feito por mulheres**: tramas educativas da amanualidade. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre, PUC-RS, 2024.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político***:* o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução: Alunos do Bacharelado em Letras da UFRGS. São Carlos: EdufScar, 2009[1981].

DARÓZ, Elaine Pereira. A (in)igualdade dos gêneros em uma perspectiva discursiva. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.63, p. 1-10, e021008, 2021.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. de Reginaldo Sant'Anna. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968[1867].

MITTMANN, Solange. O arquivo como gatilho de movimentos de interpretação em torno da palavra luta. In: Indursky, F.; Ferreira, M. C. L.; Mittmann, S. (Orgs.). **Análise do discurso**: dos

fundamentos aos desdobramentos. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 351-363.

MITTMANN, Solange; ROSA, Marilane M. C. A resistência feminina pelo bordado. **Leitura**, Maceió, n. 69, p. 122-132, mai./ago. 2021.

NANCY, Jean-Luc. L'excrit. **ALEA**, Rio de Janeiro, v. 15/2, p. 312-320, 2013.

ORLANDI, Eni. Prefácio. In: ORLANDI, Eni. **Discurso e texto***:* formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001a. p. 9-17.

PARKER, Rozsika. **The Subversive Stitch**: Embroidery and the Making of the femininity. Londres: The Womens Press Limited, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Língua, "linguagens", discurso. Trad. Freda Indursky. In: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. Campinas: Pontes, 2011b[1971]. p. 121-129.

_____. **Semântica e discurso***:* uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1995[1975].

_____. Especificidade de uma disciplina de interpretação (A Análise de Discurso na França). Trad. Solange L. Gallo. In: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. Campinas: Pontes, 2011a[1983]. p. 227-230.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999[1983].

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis, Vozes, 1976.